

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quinta (em %) +0,96 São Paulo	Índice da Bóla de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 33.331 23/12 26/12 27/12 28/12 29/12	Título da dívida externa brasileira, na quinta US\$ 1,078 (▼ 0,55%)	Quinta-feira (em R\$) 2,325 (▼ 0,85%) Últimas cotações (em R\$) 22/dezembro 2,33 23/dezembro 2,31 26/dezembro 2,33 27/dezembro 2,33 28/dezembro 2,34	Turquia, venda (em R\$) na quinta 2,860 (▲ 0,01%)	Na BM&F, o grama (em R\$) R\$ 38,600 (▼ 0,51%)	Prestado, 32 dias (em % ao ano) 17,68	IPCA do IBGE (em %) Julho/2005 0,25 Agosto/2005 0,17 Setembro/2005 0,35 Outubro/2005 0,75 Novembro/2005 0,55

PARA ONDE VAI O Brasil?

REDUÇÃO DAS TAXAS DE JUROS E EXPANSÃO DO CRÉDITO PROMETEM ESTIMULAR A ECONOMIA EM 2006

ARMA PARA O

Economia Brasil

crescimento

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo está apostando todas as fichas na expansão do crédito em 2006. Não sem motivo. Ele será fundamental para garantir o crescimento do consumo interno, no qual se baseia boa parte das projeções de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) nos próximos meses. Como a contribuição das exportações já não será tão grande para o desempenho da economia, os principais economistas acreditam que é a demanda dos brasileiros que ditará o rumo da atividade econômica. Diante do desemprego ainda elevado e da insuficiente recomposição da renda, o crédito funcionará como um importante complemento do poder de compra da população.

“Estamos muito confiantes. Há um espaço significativo para o aumento das operações de crédito no país”, diz o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes. Das diversas reformas estruturais que o país precisa — e que vêm sendo retratadas pela série especial *Para onde vai o Brasil?* que o Correio publica até terça-feira —, a área que mais avançou no governo Luiz Inácio Lula da Silva foi a de crédito. As mudanças na regulamentação, o crédito consignado e outras facilidades deram um impulso inédito aos empréstimos.

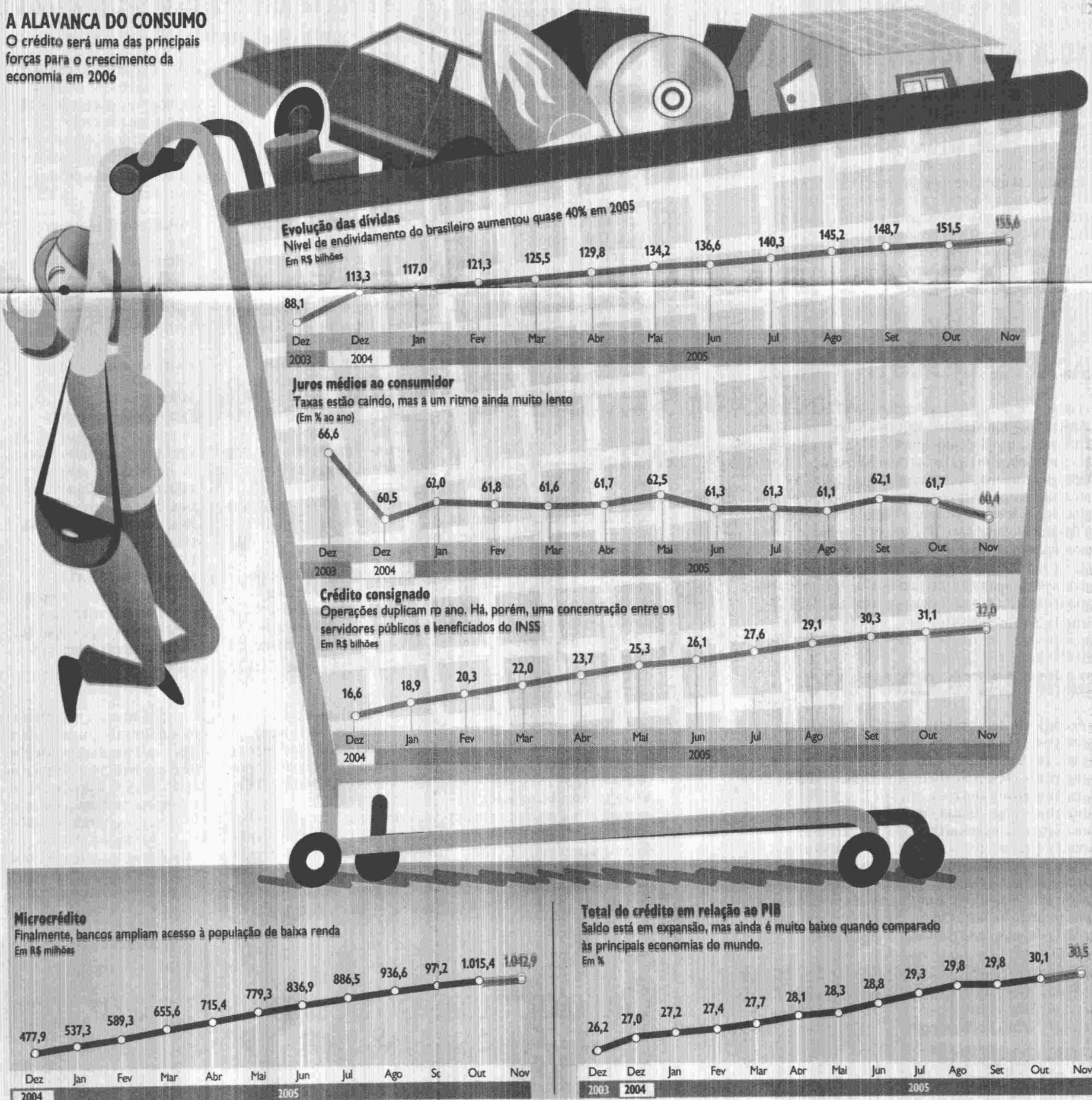
Pelas contas de Lopes, apesar do forte crescimento dos empréstimos e dos financiamentos nos últimos dois anos, o Brasil ainda está muito longe de atingir os níveis de países desenvolvidos, como os Estados Unidos, onde as operações de crédito representam mais de 100% do PIB, ou mesmo os patamares de países emergentes, como a Coreia do Sul e o México, em que o crédito atinge mais de 60% do PIB.

Atualmente, o total de crédito concedido a empresas e pessoas físicas equivale a 30,5% de todas as riquezas produzidas pelo país, a melhor marca desde fevereiro de 1995, quando estava em 36,9%. “É possível dobrar esse patamar sem nenhum problema”, destaca o economista do BC. Ele ressalta, porém, que não veremos, nos próximos anos, aumento tão expressivo nas operações como se observou em 2003, 2004 e 2005. Nesse período, o crédito cresceu, em média, três pontos percentuais além do PIB. “Estamos falando de uma velocidade muito forte. E é possível supor que, nos próximos anos, o PIB tenha um desempenho melhor”, comenta.

Força do consignado
Altamir Lopes faz outra ponderação. Muito do aumento do crédito nos últimos dois anos deveu-se aos empréstimos consignados, com desconto em folha. Essa mo-

A ALAVANCA DO CONSUMO

O crédito será uma das principais forças para o crescimento da economia em 2006



dalidade começou a ganhar fôlego em janeiro de 2004, depois da regulamentação do governo. Desde então, o saldo das operações deu um salto de R\$ 9,016 bilhões para R\$ 32 bilhões — um crescimento de 255%. A maior parte dos empréstimos se concentrou entre os servidores públicos e os aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). “A partir de agora, vamos ver o crédito consignado crescendo em torno de 2% ao mês, no mesmo ritmo observado pelas demais modalidades de financiamento”, diz o economista do BC.

Esse ritmo de crescimento não deve, porém, ser interpretado como um sinal de esgotamento na capacidade de endividamento dos servidores e dos beneficiários do INSS, faz questão de destacar Altamir. Entre os funcionários públicos, houve uma corrida pelos empréstimos com desconto em folha porque muitos deles optaram por trocar dívidas mais caras por um crédito mais barato. Enquanto os empréstimos pessoais tradicionais cobram taxas médias de 83,2% ao ano, no consignado, a taxa média anual é de 36,9%, isto é, menos da meta-

de. “A partir de agora, os servidores e os aposentados tendem a procurar os empréstimos com desconto em folha visando mais o consumo”, acrescenta.

Entre os segurados do INSS, o economista do BC reconhece que o endividamento concentrou-se entre os que ganham até três salários mínimos por mês — juntos, eles responderam por 75% das operações. Mas ainda há pelo menos 10 milhões de aposentados e pensionistas aptos para tomar financiamentos. E isso ocorrerá de forma tranquila, sem traumas, para alegria dos bancos que decidiram entrar pe-

sado nesse mercado. Quanto aos trabalhadores da iniciativa privada, o BC vê a demanda por crédito consignado com certa cautela. “O setor privado tem alguns problemas que dificultam um pouco mais as operações. Nada, porém, que o tempo não resolva”, afirma Altamir.

Reforço nas vendas

Entre os lojistas, a expectativa é grande. “O aumento do crédito é fundamental para sustentar as vendas”, diz o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes. Na sua avalia-

ção, há, em relação ao crédito, dois pontos que garantem o cenário otimista que todos esperam ver concretizado ao longo de 2006: a redução da taxa básica de juros (Selic), usada como referência por toda a economia, e a continuidade do aumento da renda. Sobre esse último ponto, por exemplo, o presidente do BC, Henrique Meirelles, tem o número na ponta da língua: “Quando se compara janeiro e outubro de 2005 com o mesmo período do ano anterior, o aumento real da renda foi de 5%. Foi a primeira vez que isso aconteceu em quase uma década”.